

humanitas

Vol. LII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LII • MM



incómoda sensação de que os assuntos são tratados com alguma ligeireza e de que as conclusões apresentadas parecem derivar da leitura de certos estudiosos de fundo da obra de Sólon (como LINFORTH, FREEMAN, CÀSSOLA), que, embora importantes no seu tempo, não dispensam a discussão mais demorada, onde entre em linha de conta a muita bibliografia entretanto produzida, da qual, em boa verdade, não se encontram ecos neste trabalho. Ilustraremos apenas com um exemplo, mas podem encontrar-se vários outros ao longo de toda a exposição. Ao referir as leis (pp. 83-84), a Autora sustenta que «a legislação ligada ao nome de Sólon originalmente foi gravada em madeira, nos *áxones* e com o tempo transcrita em encaixes de pedras, os *kyrbeis*» e ainda que «o trabalho de Sólon tem resistido às tentativas de sistematização». Ora estas duas afirmações só são possíveis se se ignorar um trabalho (para mencionarmos apenas um) que já tinha sido publicado quando a Autora apresentou o doutoramento; referimo-nos a Eberhard RUSCHENBUSCH, *Solonos Nomoi* (Wiesbaden, 1966), onde se discutem as circunstâncias da transmissão do código de Sólon, a complexa relação entre *axones* e *kyrbeis* e respectiva natureza. Aliás, o aspecto mais importante do estudo de RUSCHENBUSCH reside no facto de o autor haver organizado e classificado de forma sistemática as leis de Sólon, naquela que é a edição de referência ainda hoje (em boa verdade, já em 1909 SONDHAUS tinha dado um passo importante no mesmo sentido, com o trabalho *De Solonis legibus*).

De resto, a motivação íntima da Autora talvez possa encontrar-se no comentário com que encerra o capítulo sobre “Notícias biográficas” (p. 98): «Imaginação ou realidade, que importa? Esse quadro mostra-se fiel à imagem que a sua vida e a obra nos preservaram. E nô-lo apresenta com muita propriedade, no culto a seus mais altos valores: a vida boa, a poesia, a *paidéia*.» Não é improvável que tenha sido este o espírito que assistiu aos autores de vários dos testemunhos antigos sobre Sólon; no entanto, o estudioso moderno não pode ceder à mesma tentação, ainda que procure falar para um público não especialista. Este estudo de Gilda BARROS tem virtudes, mas deixa um travo de insatisfação em quem pretende ultrapassar o limiar das notas de divulgação.

DELFIN F. LEÃO

HEREDIA CORREA, Roberto: *Petronio Árbitro. Satiricón* (México, Universidad Nacional Autónoma, 1997) 147 + CLIX p.

Com este trabalho, HEREDIA CORREA apresenta a público mais uma importante etapa das suas investigações petronianas, uma vez que o Autor já havia publicado um livro de estudos sobre o mesmo tema: *De Petronio, el Satiricón y algunas digresiones* (México, Universidad Nacional Autónoma, 1996) 101 p. (vide a recensão que fizemos em *Humanitas* 49, 1997, 330-331).

O objectivo essencial deste volume é fornecer uma versão espanhola do romance de Petrónio. Contudo, nas cerca de cinquenta páginas que antecedem o texto, HEREDIA CORREA discute, de forma clara e objectiva, alguns dos problemas fundamentais que o leitor de Petrónio deve ter em conta. Dedicar, antes de mais, algum

espaço à célebre “questão petroniana”, para referir os elementos essenciais da discussão e também as conclusões que lhe parecem mais defensáveis e que, de resto, partilhamos. Assim, começa por recordar a pertinência da posição tradicional, que vê o romance como um produto da época neroniana, cujo autor provável seria o *Titus Petronius Niger*, cônsul *suffectus* cerca do ano 62 e referido por Plínio e Plutarco. Revela-se, também, oportuna a transcrição e tradução do famoso passo de Tácito (*Ann.*, 16.18-20) onde se descreve, de forma penetrante, a personagem de Petrónio, *arbiter elegantiae* da corte de Nero, que acaba por ser o mais forte candidato à identificação com o autor do romance.

O Autor faz, ainda, uma breve reconstituição do *Satyricon*, que assenta, essencialmente, na proposta de SULLIVAN, como ele próprio reconhece (xxii e n. 2) e que tem uma pertinência relativa, uma vez que é, em grande parte, especulativa. Recorda também, de forma breve, o essencial da discussão acerca do título original do romance e termina com uma terceira parte, onde, ao longo de catorze páginas, reflecte sobre a *vexata quaestio* da origem da sátira, em especial a sátira menipeia, género maleável que Petrónio teria aproveitado e que ajudaria a explicar a natureza multimoda do *Satyricon*.

Na “Nota bibliográfica”, HEREDIA CORREA faz uma listagem bastante completa das principais edições de Petrónio (com ou sem tradução do texto) e ainda de alguns estudos, que podem ser úteis a quem desejar aprofundar o conhecimento do romance. O Autor apresenta uma versão bilingue do *Satyricon*, adoptando para o latim o texto preparado por M. HESELTINE, revisto por E.H. WARMINGTON e publicado na Loeb Classical Library, em 1969. Quanto à tradução, além de ser fiel ao original (nos passos aleatórios em que fizemos o cotejo directo com o latim), tem a vantagem de ser fluente e viva, características essenciais em qualquer versão moderna do *Satyricon*. Na parte final do volume, HEREDIA CORREA ajunta ainda algumas notas ao texto latino e à tradução, sempre úteis a um leitor menos familiarizado com a cultura clássica. O mesmo poderá dizer-se do índice onomástico que encerra o volume. Constitui, portanto, um bom instrumento de trabalho ou de lazer, ponderado e oportuno, em especial para os leitores de língua espanhola.

DELFIN F. LEÃO

HEREDIA CORREA, Roberto: *Petronio Árbitro. Fragmentos y poemas* (México, Universidad Nacional Autónoma, 1998) 44 + XXXIX p.

Este trabalho serve de complemento à tradução do *Satyricon* que acima comentávamos. Para além daquilo que nos resta do romance de Petrónio, há uma série de citações noutros autores, que conservam ora um pequeno texto, ora algumas palavras ora um simples testemunho, que deram origem a um *corpus* de fragmentos e poemas, geralmente atribuídos ao *Satyricon*, e que costumam figurar no fim das edições do romance. HEREDIA CORREA optou por tratá-los num volume à parte, segundo os mesmos critérios adoptados para o *Satyricon* propriamente dito. Assim, usa como texto base a edição de M. HESELTINE, revista por E.H. WARMINGTON e